

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

25 de Maio de 2022

## A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES / 2012

*um filme de JORGE SILVA MELO*

*Realização:* Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Montagem:* Vítor Alves, Miguel Aguiar *Assistentes de imagem:* César Casaca, Paulo Menezes *Música original:* João Madeira *Colorista:* Marco Amaral *Mistura de som:* Tiago Mato *Excertos dos filmes* JE VIS CETTE VIE MAGIQUE DANS MON ATELIER (Erwin Leiser) e Reportagem da retrospectiva na Cordoaria Nacional (Fernando Matos Silva) *Fotografias:* José Manuel Costa Alves *Com:* José de Guimarães, Jorge Silva Melo (voz) (não creditados).

*Produção:* Artistas Unidos (Portugal, 2012) *Apoio:* Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura *Primeira apresentação pública em Portugal:* 21 de Setembro de 2012, no Centro Internacional de Artes José de Guimarães, Plataforma das Artes e da Criatividade (Guimarães) *Cópia:* ficheiro digital, 16:9, cor, falada em português, 56 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

### COM A PRESENÇA DE JOSÉ DE GUIMARÃES

---

A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES *a partir da sua colecção tribal africana*. Ao título do filme a legenda do primeiro plano acrescenta a perspectiva tomada por Jorge Silva Melo no retrato de José de Guimarães, diferente dos demais retratos de artistas plásticos a que se foi dedicando ao longo de duas décadas de trabalho no cinema. Não há um filme igual na relevante série realizada de 1995 a 2017 (referência das datas de produção), quando a Jorge Silva Melo aconteceu ir filmando, no seio dos Artistas Unidos, as figuras e obras de (pela ordem cronológica dos filmes) António Palolo, Joaquim Bravo, Nikias Skapinakis, Álvaro Lapa, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José de Guimarães, Sofia Areal, Fernando Lemos.

A única “fórmula” é o ponto de partida, isto é, o material de partida. Jorge Silva Melo afirmou-o amiúde, sublinhando como a ideia de cada filme se associava à consistência encontrada no primeiro material, podendo este ser, ou não, a entrevista com o artista. No singular ou no plural, a entrevista, ou conversa, com cada artista atravessa toda a série (no caso de Joaquim Bravo, uma entrevista áudio de arquivo) supondo um diálogo com o realizador mais ou menos explícito no filme acabado. Da mesma maneira, há constância no recurso a imagens das peças, das obras, muitas vezes fotografadas com esse estrito propósito. Ou filmadas em planos interessados no relevo das peças esculpidas em madeira, como na ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES.

“O que é interessante no documentário é que a montagem é a escrita do argumento. O que obriga a trabalho na mesa, em casa, no computador, no Word ou a brincar com as imagens e os sons.” A citação encontra-se na entrevista dada por Jorge Silva a Joana Beleza em 2009, já

citada na “folha” que acompanhou a projecção do anterior retrato de conjunto dos anos iniciais da cooperativa de gravadores portugueses Gravura (GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM, 2008), pela qual José de Guimarães passou em finais dos anos 50. Para o retratar a ele, Jorge Silva Melo terá notado a consistência da influência africana no seu percurso artístico, de alguma maneira condensada na colecção de arte tribal constituída a partir da sua estadia em Angola entre 1967 e 1974. É um dado do *off* inicial, na voz do artista, tocado pela expressão poderosa “de força, de grito” das peças que então começou a coleccionar: “Passei a interessar-me muito, não só pela cultura africana, mas pelos objectos que produziam.” A colecção tomou forma no curso de décadas, situando-se – diz-nos José de Guimarães – nos países do Ocidente e da zona central africanos.

Extravasou para a sua própria obra – acrescenta o filme. Mostra-nos A ÁFRICA DE JOSÉ DE GUIMARÃES que a história da colecção participa intimamente da história do trabalho do artista, ligação que permanentemente se estabelece a par do discurso na primeira pessoa de José de Guimarães, dando a ver as suas peças, as várias fases, as referências, influências. O mapa desse percurso singular vai-se construindo na percepção do espectador, a quem o filme oferece dados, pistas, imagens, palavras, *raccords*. Um deles faz-se com o conjunto dos filmes-retrato de Jorge Silva Melo pela pontuação da voz do realizador, que aqui acontece uma três vezes modulando o fora de campo da banda sonora.

Maria João Madeira